

Economia Criativa nas políticas de planejamento urbano: uma revisão sistemática

Luiz Felipe da Silva

Mestrando, UFSCar, Brasil

luiz.felipe@estudante.ufscar.br

<https://orcid.org/0009-0007-3674-8730>

Elza Luli Miyasaka

Professora Doutora, UFSCar, Brasil

elza.miyasaka@ufscar.br

<https://orcid.org/0000-0003-4480-9672>

Priscila Kauana Barelli Forcel

Doutoranda, UFSCar, Brasil

priscilaforcel@ufscar.br

<https://orcid.org/0000-0002-1321-4716>

Tatiane Ferreira Olivatto

Doutoranda, UFSCar, Brasil

tatianeolivatto@ufscar.br

<https://orcid.org/0000-0002-5770-7088>

Júlia Neves Andrade

Doutoranda, UFSCar, Brasil

julianeves@estudante.ufscar.br

<https://orcid.org/0000-0001-8843-4142>

Economia Criativa nas políticas de planejamento urbano: uma revisão sistemática

RESUMO

Objetivo - Este estudo tem como objetivo analisar de que forma a economia criativa está incorporada e influencia as políticas de planejamento urbano.

Metodologia - Adota-se uma abordagem qualitativa, com base em uma revisão sistemática da literatura acadêmica, utilizando publicações indexadas na base de dados Scopus.

Originalidade/relevância - A pesquisa se justifica pela crescente relevância do tema nas agendas públicas e acadêmicas, assim como pela necessidade de compreender seus impactos territoriais.

Resultados - Os resultados apontam a predominância de abordagens voltadas à reabilitação de áreas degradadas, à promoção do turismo cultural e ao estímulo à inovação como estratégias de desenvolvimento urbano. Também foram identificados desafios recorrentes, como gentrificação, instrumentalização da cultura e desigualdade no acesso aos benefícios das políticas criativas.

Contribuições teóricas/metodológicas - O estudo combina metodologicamente a revisão sistemática e a bibliometria para mapear a estrutura intelectual do campo, identificando as principais abordagens teóricas, tendências e lacunas na interface entre economia criativa e planejamento urbano.

Contribuições sociais e ambientais - A pesquisa alerta para os riscos sociais da gentrificação e exclusão, defendendo políticas inclusivas e participativas que articulem o desenvolvimento econômico com a coesão social e a sustentabilidade para criar cidades mais justas.

PALAVRAS-CHAVE: Economia Criativa. Planejamento Urbano. Análise Bibliométrica.

Creative Economy in Urban Planning Policies: A Systematic Review

ABSTRACT

Objective – This study aims to analyze how the creative economy is incorporated into and influences urban planning policies.

Methodology – A qualitative approach is adopted, based on a systematic review of academic literature using publications indexed in the Scopus database.

Originality/Relevance – The research is justified by the growing relevance of the topic on public and academic agendas, as well as the need to understand its territorial impacts.

Results – The results indicate a predominance of approaches focused on the rehabilitation of degraded areas, the promotion of cultural tourism, and the stimulation of innovation as urban development strategies. Recurrent challenges, such as gentrification, the instrumentalization of culture, and inequality in accessing the benefits of creative policies, were also identified.

Theoretical/Methodological Contributions – The study methodologically combines systematic review and bibliometrics to map the intellectual structure of the field, identifying the main theoretical approaches, trends, and gaps at the interface between the creative economy and urban planning.

Social and Environmental Contributions – The research warns of the social risks of gentrification and exclusion, advocating for inclusive and participatory policies that link economic development with social cohesion and sustainability to create more just cities.

KEYWORDS: Creative Economy. Urban Planning. Bibliometric Analysis.

Economía Creativa en las Políticas de Planificación Urbana: Una Revisión Sistemática

RESUMEN

Objetivo – Este estudio tiene como objetivo analizar cómo la economía creativa se incorpora e influye en las políticas de planificación urbana.

Metodología – Se adopta un enfoque cualitativo, basado en una revisión sistemática de la literatura académica, utilizando publicaciones indexadas en la base de datos Scopus.

Originalidad/Relevancia – La investigación se justifica por la creciente relevancia del tema en las agendas públicas y académicas, así como por la necesidad de comprender sus impactos territoriales.

Resultados – Los resultados señalan el predominio de enfoques orientados a la rehabilitación de áreas degradadas, la promoción del turismo cultural y el fomento de la innovación como estrategias de desarrollo urbano. También se identificaron desafíos recurrentes, como la gentrificación, la instrumentalización de la cultura y la desigualdad en el acceso a los beneficios de las políticas creativas.

Contribuciones teóricas/metodológicas – El estudio combina metodológicamente la revisión sistemática y la bibliometría para mapear la estructura intelectual del campo, identificando los principales enfoques teóricos, tendencias y lagunas en la interfaz entre la economía creativa y la planificación urbana.

Contribuciones sociales y ambientales – La investigación alerta sobre los riesgos sociales de la gentrificación y la exclusión, defendiendo políticas inclusivas y participativas que articulen el desarrollo económico con la cohesión social y la sostenibilidad para crear ciudades más justas.

PALABRAS CLAVE: Economía Creativa. Planificación Urbana. Análisis Bibliométrico.

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, observa-se a crescente utilização da criatividade como recurso estratégico para o desenvolvimento urbano em diversos contextos ao redor do mundo. Em meio às transformações das economias contemporâneas e ao declínio dos modelos tradicionais de industrialização, emergem propostas como a “economia criativa” e a “cidade criativa”, orientadas à revitalização de territórios urbanos, à diversificação econômica e à promoção de inclusão social. Nesse contexto, autores como John Howkins (2001) e Richard Florida (2002) desempenharam papéis centrais na consolidação desses conceitos, ao identificarem a criatividade e o conhecimento como os principais ativos de uma nova economia urbana.

Howkins (2001) define a economia criativa como o conjunto de atividades que geram valor a partir da criatividade, inovação e propriedade intelectual, abrangendo setores como as indústrias culturais, o design, a moda, a publicidade, entre outros. Florida (2002), por sua vez, propõe a noção de “classe criativa” como elemento central para o crescimento econômico das cidades. Charles Landry (2000), por meio do conceito de cidades criativas, destaca a importância de ambientes urbanos que mobilizam a imaginação, a cultura e a inovação na resolução de problemas urbanos e na promoção do bem-estar coletivo.

A partir dessas formulações, a economia criativa passou a ser tratada como um componente estratégico nos processos de planejamento urbano, influenciando políticas públicas voltadas à regeneração de áreas degradadas, à criação de empregos, ao estímulo à inovação e ao fortalecimento das identidades locais. Diversos estudos têm destacado a capacidade das políticas criativas de atuar como catalisadoras de transformações urbanas, especialmente quando articuladas a estratégias culturais e de desenvolvimento local (Pratt, 2009). Contudo, esse processo também tem sido acompanhado de críticas, principalmente quanto à instrumentalização da cultura, aos riscos de gentrificação e à exclusão de grupos sociais menos favorecidos dos benefícios gerados.

A aplicação da economia criativa às políticas urbanas tem se consolidado como uma estratégia recorrente para reconfigurar a atuação do Estado na gestão territorial, especialmente em contextos de mudanças socioeconômicas e territoriais. A cultura e a criatividade passaram a ser vistas como ativos capazes de gerar valor simbólico e econômico, inserindo-se nas agendas públicas como instrumentos transformadores. Nesse sentido, Lin (2017) destaca que a promoção da economia criativa em ambientes urbanos frequentemente se apoia na criação de clusters criativos, na requalificação de espaços degradados e na atração de investimentos simbólicos e financeiros, muitas vezes em alinhamento com políticas neoliberais de cidade empreendedora. Contudo, o autor também aponta os desafios de governança e as contradições dessas estratégias, que nem sempre se mostram sensíveis às dinâmicas locais ou capazes de promover inclusão social efetiva.

De modo semelhante, Jocić (2021) argumenta que a adoção de políticas urbano-criativas pode reproduzir processos de colonização do espaço urbano por interesses privados, sobretudo quando a cultura é instrumentalizada para fins de valorização imobiliária e mercantilização do território. A crítica ao modelo hegemônico de cidade criativa — centrado na competitividade, na estética e na atração de capital, tem se fortalecido em estudos que buscam compreender os impactos reais dessas políticas sobre a estrutura urbana e a vida social. A literatura aponta,

assim, para a necessidade de abordagens mais críticas e contextuais, que levem em consideração as especificidades territoriais, as práticas culturais locais e os riscos de exclusão social associados à implementação indiscriminada dessas estratégias (Miles, 2005; Oyekunle, 2017).

Diante desse cenário, torna-se fundamental compreender como o conceito de economia criativa tem sido mobilizado na formulação e implementação de políticas de planejamento urbano. Assim, este estudo tem como objetivo analisar, por meio de uma revisão sistemática e bibliometria da literatura, de que forma a economia criativa tem sido discutida e aplicada no campo do planejamento urbano, entre os anos 2000 até a atualidade. A justificativa reside na necessidade de sistematizar o conhecimento produzido sobre o tema, identificando tendências, abordagens recorrentes, lacunas e desafios, de modo a contribuir para uma compreensão crítica e fundamentada sobre o papel da economia criativa no desenvolvimento urbano contemporâneo.

2 OBJETIVOS

O objetivo deste artigo é analisar como a economia criativa está incorporada e influencia as políticas de planejamento urbano. Utilizando uma revisão sistemática da literatura e bibliometria, a pesquisa investiga como o conceito tem sido discutido e aplicado no campo do planejamento urbano desde o ano 2000 até a atualidade. O estudo busca sistematizar o conhecimento produzido sobre o tema, identificando tendências, abordagens, lacunas e desafios, para contribuir com uma compreensão crítica sobre o papel da economia criativa no desenvolvimento urbano contemporâneo.

2 METODOLOGIA

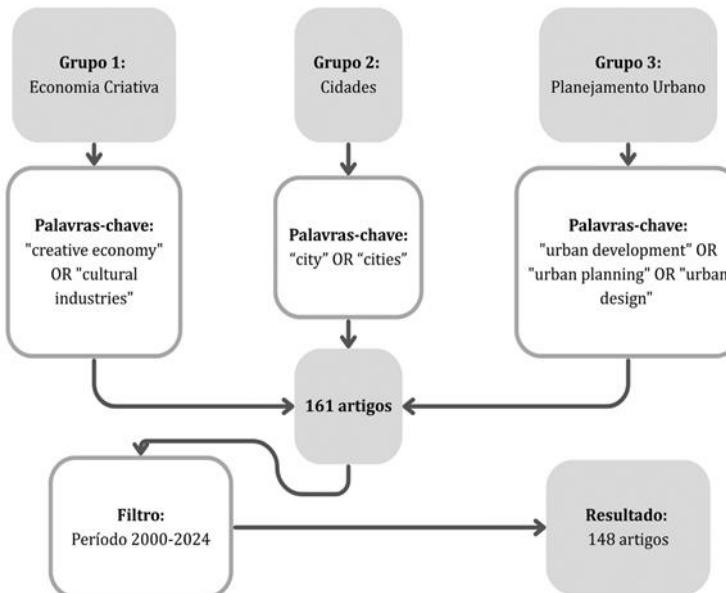
Os métodos empregados neste artigo foram a revisão sistemática e a bibliometria, que, aplicados de forma complementar, permitem analisar indicadores quantitativos da produção acadêmica em um determinado campo do conhecimento, com o objetivo de identificar regularidades, tendências e lacunas nas publicações científicas.

A revisão sistemática, conforme proposto por Tranfield, Denyer e Smart (2003), constitui um processo rigoroso e transparente para localizar, avaliar e sintetizar evidências relevantes, sendo amplamente utilizada na consolidação de conhecimento em áreas interdisciplinares. Já a bibliometria, segundo Donthu et al. (2021), oferece instrumentos para mensuração e mapeamento da produção científica por meio da análise de dados bibliográficos, como volume de publicações, citações e coocorrência de termos. Zupic e Čater (2015) destacam que a bibliometria é particularmente útil para compreender a estrutura intelectual de um campo de pesquisa, permitindo identificar autores, temas e revistas mais influentes. Dessa forma, a combinação dessas abordagens possibilita uma análise mais abrangente e fundamentada do estado da arte sobre a economia criativa e sua aplicação nas políticas de planejamento urbano.

Deste modo, a busca foi realizada no dia 29/04/2025 na base de indexação Scopus utilizando palavras-chaves "creative economy", "cultural industries", "city" e "cities", "urban development", "urban planning" e "urban design" na devida ordem (figura 1), adotando como

recorte temporal o período de 2000 a 2025 para análise das publicações, para compreender a criação e disseminação do conceito de economia criativa e suas discussões aplicadas ao planejamento urbano.

Figura 01 – Fluxograma de buscas a partir das palavras-chaves na base Scopus

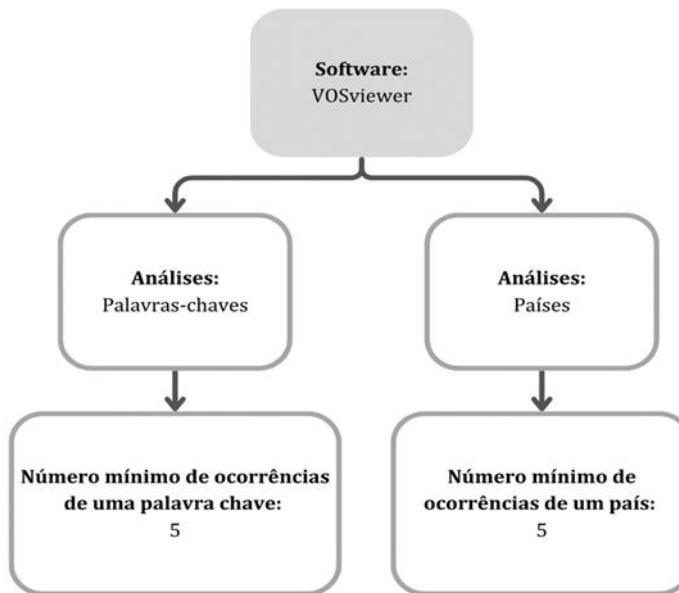


Fonte: Autores, 2025.

Importante destacar que os operadores booleanos utilizados para a afunilamento da pesquisa foram “OR” e “AND” sendo que, OR serviu para expandir as buscas dos diferentes temas, já o AND foi empregado para conectar os 3 grupos: economia criativa, cidades e planejamento urbano. Após o resultado de 148 artigos, foi aplicado o filtro na Scopus de artigos mais citados e foram escolhidos 14 artigos que apresentavam maiores similaridades com a temática, essa filtragem foi feita com base na leitura dos resumos e objetivos dos artigos em destaque para realização da leitura e revisão sistemática.

Após essa etapa da pesquisa, foi utilizada a ferramenta VOSviewer (Van Eck & Waltman, 2010) para a realização das análises bibliométricas (figura 2), com foco em dois critérios principais: países e palavras-chave.

Figura 02 – Fluxograma de buscas no software VOSviewer



Fonte: Autores, 2025.

A partir dos dados extraídos da base de artigos selecionados, foram elaborados mapas de visualização que possibilitaram identificar os países com maior concentração de produção científica e os principais termos associados às discussões sobre economia criativa e políticas urbanas.

3 RESULTADOS

Para chegar nos resultados e realizar a revisão sistemática, as buscas foram realizadas na base de dados Scopus, utilizando os termos “creative economy” ou “cultural industries” associados a “city” ou “cities”, em combinação com “urban development”, “urban planning” ou “urban design”, foram recuperados 148 documentos publicados entre os anos de 2000 e 2025.

A análise da evolução temporal indica um aumento significativo do número de publicações a partir de 2016, com destaque para os anos de 2020 (17 documentos), 2024 (13 documentos) e 2023 (10 documentos). Tal crescimento reflete a crescente incorporação da economia criativa nas agendas urbanas e acadêmicas, especialmente após a consolidação de diretrizes internacionais voltadas ao desenvolvimento sustentável e à regeneração urbana orientada pela cultura.

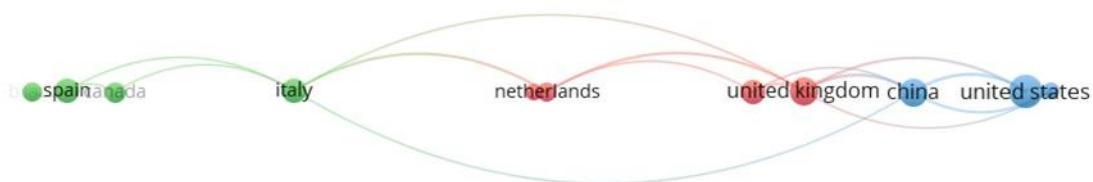
Essa tendência recente pode ser compreendida como parte de um contexto mais amplo de valorização da criatividade, da cultura e da inovação como estratégias de requalificação de espaços urbanos, promoção econômica e fortalecimento de identidades territoriais.

No que se refere às áreas do conhecimento, destaca-se a liderança das Ciências Sociais (44,7%), seguidas por Ciências Ambientais (10,6%), Engenharia (8,7%), Administração e Negócios (8,3%), Artes e Humanidades (6,4%) e Economia (6,4%). A amplitude dessas áreas

demonstra que a economia criativa não se limita ao escopo cultural ou artístico, mas se projeta como um campo transversal, conectado a dimensões urbanísticas, econômicas, tecnológicas e sociais.

O ranking por país confirma o domínio de nações como Estados Unidos, Reino Unido, China e Austrália, que concentram a maioria das publicações. Contudo, o Brasil figura entre os dez países mais produtivos, o que demonstra uma inserção crescente no debate global. O mapa de coautoria entre países (figura 3), gerado por meio do VOSviewer, fornece uma visualização clara das relações de colaboração científica internacional entre os países que contribuem para o debate sobre economia criativa e planejamento urbano. A representação gráfica identifica diferentes clusters de cooperação regional, organizados por cor, e revela o grau de conectividade entre os países com maior número de publicações na base Scopus.

Figura 03 - Rede de coautoria entre países sobre economia criativa e planejamento urbano.



Fonte: VOSviewer, Autores, 2025.

A análise evidencia a existência de três principais agrupamentos inter-regionais:

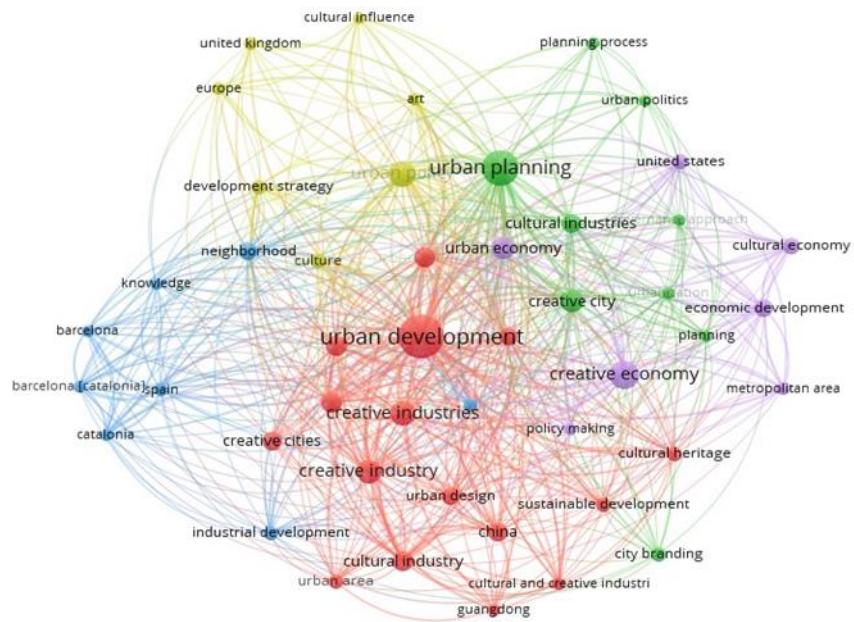
- O primeiro cluster, em tons verdes, é composto por Brasil, Espanha, Canadá e Itália, representando uma rede de cooperação moderada, com destaque para a Itália como elo de conexão entre países periféricos e o eixo central da produção científica.
- O segundo cluster, em tons vermelhos, agrupa Países Baixos e Reino Unido, este último assumindo um papel de destaque como hub central de articulação acadêmica, com conexões tanto para o Ocidente quanto para países do Oriente.
- O terceiro cluster, em tons azuis, integra China e Estados Unidos, configurando um polo de produção científica consolidado, com fortes laços bilaterais de colaboração entre essas duas potências acadêmicas, além de ligações com o Reino Unido.

Essa estrutura revela um padrão típico da literatura internacional: uma centralização das colaborações em países do Norte Global, especialmente Reino Unido, Estados Unidos e China, que atuam como pontos de convergência e difusão de conhecimento. Tais países ocupam posições estratégicas tanto na produção quanto na circulação internacional de estudos sobre economia criativa e cidades. No caso do Brasil, embora presente no mapa, sua posição periférica e suas conexões restritas a países europeus de segunda linha (como Espanha e Itália) indicam um baixo grau de integração nas redes globais de pesquisa.

Dito isso, a análise das redes de coautoria evidencia não apenas os países mais ativos na produção científica sobre economia criativa e planejamento urbano, mas também revela assimetrias na articulação internacional e nos fluxos de colaboração acadêmica. No entanto, para além das relações institucionais e geográficas, é fundamental compreender quais são os núcleos conceituais e temáticos que estruturam essa produção científica. Com o intuito de

compreender a organização interna do campo e identificar os principais focos de investigação, foi realizada uma análise de coocorrência de palavras-chave (figura 4) a partir do corpus obtido na base Scopus. A visualização, gerada por meio do software VOSviewer, permitiu mapear os termos mais frequentes e as conexões entre eles, resultando na formação de clusters temáticos que expressam diferentes linhas de pesquisa, abordagens teóricas e tendências conceituais.

Figura 04 - Rede de coocorrência de palavras-chave dos artigos sobre economia criativa e desenvolvimento urbano.



Fonte: VOSviewer, Autores, 2025.

A estrutura da rede revela cinco clusters principais, diferenciados por cores, que se conectam a partir de nós centrais e interseções conceituais. Os termos com maior frequência e centralidade foram *urban development*, *creative industries*, *creative economy*, *urban planning* e *policy making*. Tais palavras-chave funcionam como conceitos estruturantes, articulando diversas abordagens sobre a economia criativa no contexto urbano.

O grupo vermelho representa o núcleo dominante da rede e é composto por termos como “*urban development*”, “*creative industries*”, “*creative cities*”, “*urban design*”, “*cultural industry*” e “*industrial development*”. Este conjunto aponta para uma abordagem centrada nas transformações físicas, econômicas e simbólicas das cidades, em que as indústrias criativas são interpretadas como vetores de renovação urbana, dinamização econômica e requalificação territorial. Tais estudos costumam enfatizar o papel estratégico da cultura no redesenho das cidades e nas políticas de regeneração de áreas centrais.

O verde está ancorado em termos como “*urban planning*”, “*urban politics*”, “*planning process*” e “*cultural industries*”. Ele reúne produções voltadas à análise da institucionalidade do planejamento urbano, com ênfase nos instrumentos, atores e processos decisórios. Destaca-se aqui o interesse por temas como governança urbana, articulação público-privada e formulação de políticas culturais, frequentemente associados à implementação de agendas de inovação territorial.

Em roxo, destacam-se as palavras “*creative economy*”, “*policy making*”, “*economic development*”, “*sustainable development*” e “*cultural heritage*”. Este grupo evidencia uma linha de investigação orientada à formulação de estratégias de desenvolvimento baseadas na criatividade, frequentemente embasadas em narrativas de crescimento econômico, sustentabilidade e competitividade urbana. Essa abordagem tende a adotar um viés mais normativo e técnico, com foco em diretrizes de planejamento e instrumentos de políticas públicas.

Já o grupo azul, por sua vez, apresenta termos como “Barcelona”, “Catalonia”, “Europe”, “neighborhood”, “culture” e “knowledge”. Trata-se de um grupo de estudos de caso ancorados em contextos regionais específicos, sobretudo na Europa. O destaque para a cidade de Barcelona e a região da Catalunha sugere uma forte produção sobre modelos locais de economia criativa, política cultural e inovação territorial, servindo como referência comparativa para outras cidades.

Por fim, o cluster amarelo agrega termos como “art”, “cultural influence”, “development strategy” e “cultural economy”. Este grupo se aproxima das dimensões simbólicas e subjetivas da economia criativa, com ênfase nas práticas artísticas, nos sentidos atribuídos ao espaço urbano e nas estratégias culturais de revalorização de territórios. São estudos que tratam da cultura não apenas como instrumento de desenvolvimento, mas também como expressão identitária e resistência social.

Deste modo, a análise dos mapas visuais gerados pelo VOSviewer complementa e aprofunda os achados quantitativos da base Scopus, oferecendo uma perspectiva relacional sobre o campo de estudos em torno da economia criativa e seu vínculo com o planejamento urbano. Os dois mapas de coautoria entre países e de cocorrência de palavras-chave, permitem identificar quem produz, como se articulam as redes de pesquisa, e quais são os conceitos que estruturam o debate internacional.

Sendo assim, a etapa de revisão sistemática tem por objetivo analisar criticamente a produção acadêmica que discute a economia criativa e seu papel nos processos de desenvolvimento urbano, com base em 14 artigos selecionados. Esses estudos, procedentes de distintos contextos geográficos como Europa, Américas e Ásia, convergem na análise das tensões existentes entre cultura, economia e organização espacial nas cidades contemporâneas, destacando tanto as potencialidades quanto as limitações associadas às práticas e políticas de cidades criativas.

Os trabalhos de Pratt (2009) e Miles (2005) inauguram uma crítica contundente ao desenvolvimento urbano guiado por iniciativas culturais. Pratt, ao analisar o bairro de Hoxton, em Londres, descreve a transição do uso das artes como instrumento de bem-estar social para sua completa integração nas dinâmicas da economia urbana, destacando os efeitos colaterais desse processo, como gentrificação e homogeneização cultural. Na mesma linha, Miles (2005) argumenta que grandes projetos culturais tendem a funcionar como vitrines urbanas, frequentemente desvinculadas das reais necessidades das comunidades locais, além de favorecerem processos de exclusão social e econômica. Ambos os autores reforçam a urgência de políticas mais inclusivas, centradas no fortalecimento da diversidade sociocultural e na participação ativa das comunidades.

Newman e Smith (2000) complementam essa discussão ao analisar o processo de transformação da margem sul do rio Tâmisa, em Londres. Os autores demonstram que a criação de um "quarteirão cultural" foi instrumentalizada como estratégia de marketing urbano, sem produzir benefícios substanciais para a população local. Fenômeno semelhante é observado por Jocić (2019) em Belgrado, onde a revitalização inicial do bairro de Savamala, pautada em dinâmicas culturais locais, foi rapidamente substituída pela lógica especulativa de um megaprojeto imobiliário, resultando na expulsão de grupos culturais e na perda de identidade local.

As questões de exclusão e resistência ganham especial relevo nos contextos do Sul Global, como evidencia o estudo de Pinheiro, Ipiranga e Lopes (2020) sobre a comunidade do Poço da Draga, em Fortaleza. As autoras demonstram como os moradores, através de práticas espaciais insurgentes, reconfiguram o território em oposição às dinâmicas hegemônicas de desenvolvimento urbano criativo. Essa perspectiva encontra eco em Lin (2019), cuja análise da cidade de Taipei revela a importância de modelos de governança adaptativos, que valorizem as especificidades socioculturais e econômicas locais, promovendo maior equidade e sustentabilidade nos processos urbanos.

No contexto das cidades do Norte Global, Grodach (2013) destaca a pluralidade de interpretações e apropriações do conceito de cidade criativa, mostrando que esse discurso é frequentemente utilizado tanto para fins de promoção econômica quanto para legitimar práticas de reurbanização. Vivant (2013) corrobora essa visão crítica ao demonstrar que as políticas criativas, quando desconectadas das dinâmicas locais, acabam beneficiando elites culturais e agentes do mercado imobiliário, aprofundando processos de exclusão social e mercantilização do espaço urbano.

Diferenciando-se metodologicamente, o estudo "Culture Counts" (2019) oferece uma abordagem quantitativa robusta ao desenvolver o Cultural and Creative Cities Monitor (CCCM), um índice que permite avaliar a vitalidade cultural e criativa de cidades europeias. Seus resultados evidenciam que centros urbanos de médio porte podem apresentar elevados níveis de dinamismo cultural, desde que apoiados por redes institucionais sólidas e políticas públicas alinhadas às realidades locais. Este achado dialoga diretamente com Méndez et al. (2015), que enfatizam a necessidade de abordagens multiescalares na análise das lógicas espaciais da economia criativa na Espanha, destacando o papel de trajetórias históricas, capitais simbólicos e contextos institucionais diferenciados.

Zarlenga, Rius-Ulldemolins e Morató (2014) aprofundam a compreensão dos clusters culturais ao desenvolver uma tipologia que distingue entre modelos burocráticos, associativos e comunitários, ressaltando que o êxito desses aglomerados não reside apenas nos incentivos econômicos, mas fundamentalmente na força de suas redes sociais e na interação entre atores locais. Essa abordagem é complementada por Cabrita et al. (2013), que propõem a integração das indústrias criativas no paradigma do desenvolvimento urbano baseado no conhecimento (Knowledge-Based Urban Development — KBUD), defendendo que as políticas urbanas devem conciliar desenvolvimento econômico, coesão social e sustentabilidade ambiental.

Por sua vez, o estudo de Liang e Wang (2020), centrado na realidade chinesa, sintetiza diversas preocupações transversais nos artigos analisados. Os autores argumentam que, embora as indústrias culturais e criativas possam impulsionar o desenvolvimento urbano, elas

frequentemente contribuem para a gentrificação e a exclusão social quando não são acompanhadas de políticas públicas que garantam a equidade e a preservação da identidade cultural.

Diante desse panorama, a presente revisão sistemática evidencia que o desenvolvimento urbano orientado pela economia criativa não constitui um modelo homogêneo nem universalmente benéfico. Ao contrário, seus resultados dependem fortemente das especificidades locais, da qualidade da governança urbana e da capacidade das políticas em articular interesses econômicos, culturais e sociais. As tensões entre mercantilização e apropriação cultural, entre revitalização e gentrificação, e entre inclusão e exclusão configuraram desafios centrais para a construção de cidades verdadeiramente criativas, sustentáveis e socialmente justas.

5 CONCLUSÃO

A partir da análise sistemática dos 14 artigos selecionados, evidencia-se que, embora a economia criativa seja amplamente promovida como uma estratégia promissora para impulsionar o desenvolvimento urbano, seus impactos são profundamente condicionados pelas estruturas sociais, econômicas, culturais e institucionais locais (Pratt, 2009; Grodach, 2013; Miles, 2005). Os estudos analisados revelam que a adoção de modelos de cidade criativa pode gerar resultados ambivalentes. De um lado, observa-se a promoção da revitalização de espaços urbanos, o fortalecimento da inovação e a dinamização das redes culturais locais (Zarlenga, Rius-Ulldemolins & Morató, 2014; Méndez et al., 2015). Por outro lado, tais modelos também podem agravar processos de gentrificação, exclusão social e mercantilização dos territórios, especialmente quando guiados por lógicas estritamente neoliberais (Vivant, 2013; Jocić, 2019; Newman & Smith, 2000).

Diante desse panorama, torna-se evidente que os benefícios da economia criativa somente se materializam quando as políticas públicas são sensíveis às dinâmicas culturais e socioeconômicas locais. Isso envolve a priorização da inclusão social, da participação ativa das comunidades e do reconhecimento das práticas culturais territorializadas, como destacam Pinheiro, Ipiranga e Lopes (2020) e Lin (2019). Quando, ao contrário, tais políticas são moldadas para atender exclusivamente interesses de mercado, observa-se o fortalecimento de dinâmicas de homogeneização cultural e de aprofundamento das desigualdades socioespaciais, conforme argumentam Vivant (2013) e Grodach (2013).

Por isso, torna-se imperativo que os futuros modelos de desenvolvimento urbano, fundamentados na criatividade, sejam sustentados por estruturas de governança colaborativa, participativa e inclusiva, que articulem de maneira equilibrada interesses econômicos, culturais e sociais (Cabrita et al., 2013; Liang & Wang, 2020). A adoção de governanças sensíveis às particularidades locais é essencial para garantir que os frutos da economia criativa sejam distribuídos de maneira justa e não apropriados exclusivamente por elites econômicas ou agentes externos.

Por fim, a literatura analisada converge na indicação de que o futuro da economia criativa enquanto estratégia de desenvolvimento urbano sustentável e socialmente justo dependerá, fundamentalmente, da capacidade dos gestores públicos, dos formuladores de

políticas e dos agentes privados de superar os limites impostos pelas lógicas neoliberais atualmente predominantes. Isso implica, necessariamente, a adoção de políticas redistributivas, sensíveis às especificidades culturais, comprometidas com a equidade e que contemplem instrumentos robustos de proteção contra os efeitos nocivos da gentrificação e da financeirização dos territórios culturais. Recomenda-se, portanto, que os planejadores urbanos incorporem metodologias participativas, fortaleçam os saberes locais, ampliem as redes de apoio à produção cultural e desenvolvam mecanismos concretos para assegurar que a criatividade e a cultura desempenhem, de fato, um papel transformador na construção de cidades mais democráticas, resilientes, inclusivas e sustentáveis.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

CABRITA, M. R.; CRUZ-MACHADO, V.; CABRITA, C. Managing creative industries in the context of knowledge-based urban development. **Journal of the Knowledge Economy**, v. 4, n. 4, p. 393–403, 2013. DOI: 10.1007/s13132-012-0106-7.

DONTHU, N. et al. How to conduct a bibliometric analysis: an overview and guidelines. **Journal of Business Research**, v. 133, p. 285–296, 2021. DOI: 10.1016/j.jbusres.2021.04.070.

EUROPEAN COMMISSION. Culture counts: an empirical approach to measure the cultural and creative vitality of European cities. **Cities**, v. 89, p. 167–181, 2019. DOI: 10.1016/j.cities.2019.01.014.

FLORIDA, R. **The rise of the creative class**: and how it's transforming work, leisure, community and everyday life. New York: Basic Books, 2002.

GRODACH, C. Cultural economy planning in creative cities: discourse and practice. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 37, n. 5, p. 1747–1765, 2013. DOI: 10.1111/j.1468-2427.2012.01165.x.

HOWKINS, J. **The creative economy**: how people make money from ideas. London: Penguin Global, 2001.

JOĆIĆ, N. Desenvolvimento urbano liderado pela cultura versus colonização do espaço urbano liderada pelo capital: Savamala — fim da história? **Urban Studies Research**, art. 4061079, 2019. DOI: 10.1155/2019/4061079.

LANDRY, C. **The creative city**: a toolkit for urban innovators. London: Earthscan Publications, 2000.

LIANG, X.; WANG, Y. Cultural and creative industries and urban (re)development in China. **Journal of Planning Literature**, v. 35, n. 2, p. 227–239, 2020. DOI: 10.1177/0885412219898290.

LIN, C.-Y. Desafios emergentes de uma economia criativa urbana: reflexões sobre a governança de clusters criativos na cidade de Taipei. **Urban Science**, v. 4, n. 3, p. 35, 2019. DOI: 10.3390/urbansci4030035.

MÉNDEZ, R. et al. Economía creativa y desarrollo urbano en España: una aproximación a sus lógicas espaciales. **Investigaciones Regionales**, n. 32, p. 165–190, 2015.

MILES, M. Interruptions: testing the rhetoric of culturally led urban development. **Urban Studies**, v. 42, n. 5–6, p. 889–911, 2005. DOI: 10.1080/00420980500107375.

NEWMAN, P.; SMITH, I. Cultural production, place and politics on the South Bank of the Thames. **International Journal of Urban and Regional Research**, v. 24, n. 1, p. 9–24, 2000. DOI: 10.1111/1468-2427.00235.

OYEKUNLE, O. A. The contribution of creative industries to sustainable urban development in South Africa. **African Journal of Science, Technology, Innovation and Development**, v. 9, n. 5, p. 607–616, 2017. DOI: 10.1080/20421338.2017.1353176.

PINHEIRO, V. P.; IPIRANGA, A. S. R.; LOPES, L. L. S. A economia criativa enquanto prática de espaço no contexto das cidades criativas do sul global: o caso do Poço da Draga. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 22, n. 1, p. 87–103, 2020. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202001.

Revista Científica ANAP Brasil

ISSN 1984-3240 – Volume 18, número 46, 2025

PRATT, A. C. Urban regeneration: from the arts 'feel good' factor to the cultural economy: a case study of Hoxton, London. **Urban Studies**, v. 46, n. 5–6, p. 1041–1061, 2009. DOI: 10.1177/0042098009103854.

TRANFIELD, D.; DENYER, D.; SMART, P. Towards a methodology for developing evidence-informed management knowledge by means of systematic review. **British Journal of Management**, v. 14, n. 3, p. 207–222, 2003. DOI: 10.1111/1467-8551.00375.

VAN ECK, N. J.; WALTMAN, L. Software survey: VOSviewer, a computer program for bibliometric mapping. **Scientometrics**, v. 84, n. 2, p. 523–538, 2010. DOI: 10.1007/s11192-009-0146-3.

VIVANT, E. Creatives in the city: urban contradictions of the creative city. **City, Culture and Society**, v. 4, n. 2, p. 57–63, 2013. DOI: 10.1016/j.ccs.2013.02.003.

ZARLENGA, M. I.; RIUS-ULLDEMOLINS, J.; MORATÓ, A. R. Cultural clusters and social interaction dynamics: the case of Barcelona. **European Urban and Regional Studies**, v. 23, n. 3, p. 422–440, 2014. DOI: 10.1177/0969776413514592.

ZUPIC, I.; ČATER, T. Bibliometric methods in management and organization. **Organizational Research Methods**, v. 18, n. 3, p. 429–472, 2015. DOI: 10.1177/1094428114562629.

Revista Científica ANAP Brasil

ISSN 1984-3240 - Volume 18, número 46, 2025